

QUARTA-FEIRA
Lisboa--21 de Janeiro de 1931

5 *TO* **5**
DE **TO**
IV

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

244



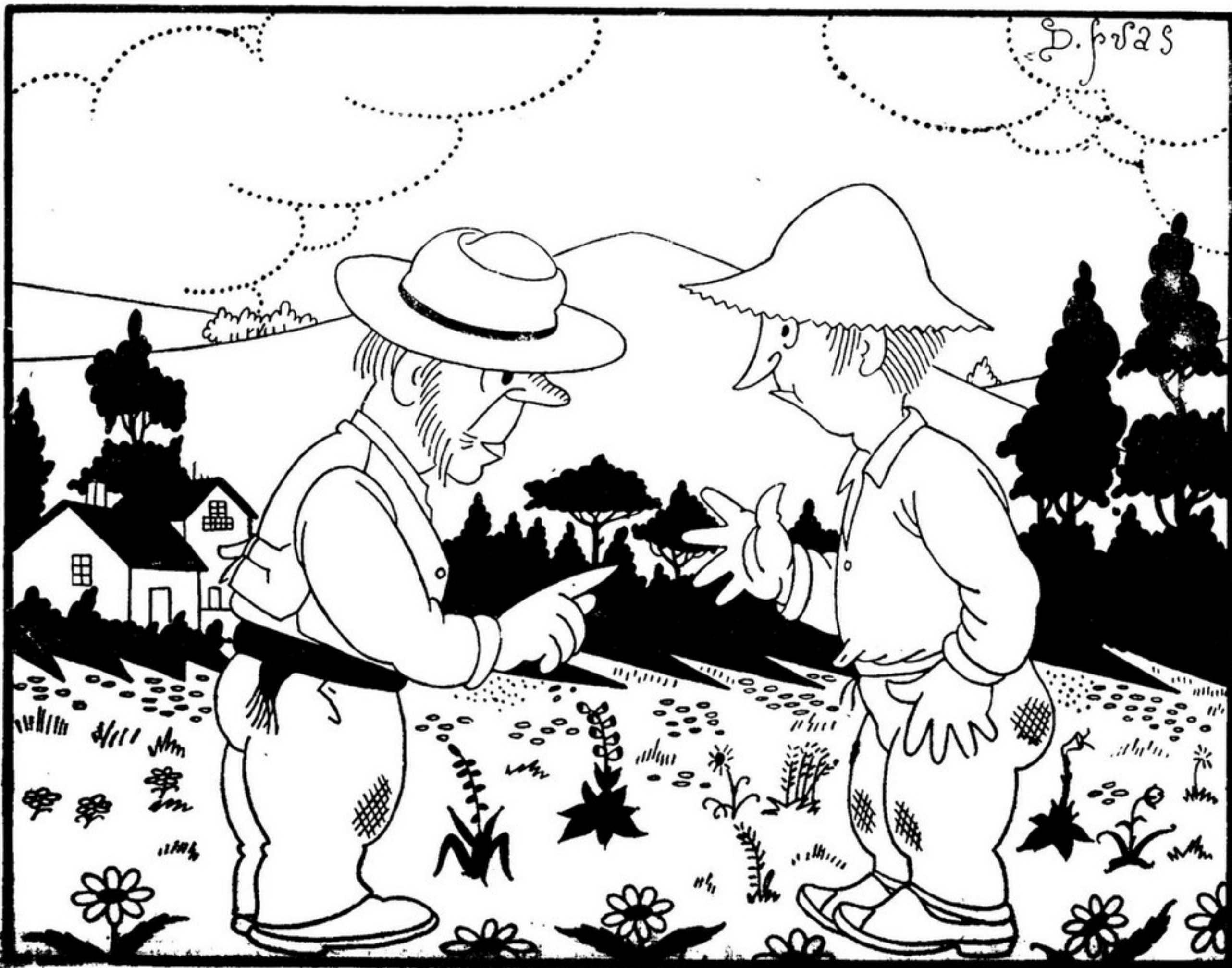
sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O medo ás epidemias...



--- Olhe que não é febre...
--- Pois vê lá como são as coisas: até hoje, ainda não me morreu nenhum...



Os ditos da semana



Doenças a preços modicos

Fodos os anos, por este tempo, a parecia nos vidros dos carros electricos, um papelinho que dizia assim:

«Os conductores são obrigados a fechar prontamente as janelas desde que lhe seja exigido por qualquer passageiro.»

Este ano, com um inverno quasi tão rigoroso como o fado, mas muito mais rigoroso do que os ultimos dez invernos, o papelinho desapareceu.

E como sempre ha passageiros encalmados, cuja ancia de liberdade lhes não permite passar uns rapidos momentos detraz dum vidro, as gripes, as bronquites e as pneumonias andam por aí aos pontapés. Um bilhete de 50 centavos dá direito a uma constipação de genero benigno, mas por um de 75 centavos já se arranja uma boa bronquite ou uma gripesinha sem complicações. Quem quiser uma pneumonia, que é doença mais cara, já tem que esmitrar 105 centavos para Bemfica, Lumiar ou Dafundo, o que não se pode dizer que não seja um preço bastante modico.

Não sabemos, porém, a que atribuir a falta do papelinho: se ao desejo de evitar incomodos aos conductores, se á necessidade de dar que fazer a medicos e farmacias.

Dois redactores do «Girasol» andando em serviço de reportagem para o seu jornal, a proposito da visita da esquadra, encontraram-se com os Doze de Inglaterra e tiveram uma escaramuça. Porque ambos eram Magriços, podendo mesmo dizer-se até que um deles era magrinho, os inglezes não tiveram muito onde bater, resultando daí que, enquanto os nossos camaradas os moeram com pancadas, eles só conseguiram subiñar o olho dum e rasgar as calças do outro, naturalmente porque, de tão magrinho, dentro das calças não havia nada. Aquilo devia ser, como costumava dizer Santa Rita, pintor, tudo roupa.

Mas o «Girasol» conseguiu uma bela reportagem, das melhores que se fizeram sobre a esquadra inglesa, embora á custa do sacrificio dos seus redactores. Consta-nos mesmo que, para perpetuar

condignamente o feito dos nossos destemidos camaradas, o «Girasol» vai passar a chamar-se «Girasolha».

Aviões por café Os aviões italianos que fizeram a travessia do Atlantico vão ser trocados, no Brazil, por café. Cada um dá o que tem, e não é a mais obrigado. Afigura-se-nos uma transação conveniente para ambas as partes. Nós poderíamos tambem fazer uma coisa semelhante, se os alemães quizessem trocar o DO X por vinho de Colares ou cortica, visto que não temos café e, neste caso, com grande vantagem talvez para os alemães, porque o Colares, bebido em quantidade, tambem sobe, tal

qual como o avião e a cortiça não vai ao fundo, o que já se não pode dizer do café.

Casal ideal A aviadora alemã, Elly Beinhorn, que está tentando a viagem á Guiné portuguesa, aterrou ha dias em Llerma, o que se pode chamar—etape a Llerma.

O mais curioso é que, apenas aterrou, declarou aos jornalistas:

—Sou solteirissima, mas gostaria de casar com um toureiro.

A primeira vista causa certo espanto esta pretensão da arrojada aviadora, porque parece não poder haver relação alguma entre aviação e tauromaquia. Todavia, pensando bem, logo se verifica que difi-

cilmente se podem encontrar profissões mais alins e mais proprias para marido e mulher. E' que o toureiro, quando o touro tem gazolina bastante e as velas não estão entupidas, tambem faz seu bocado de aviação, sendo frequente vê-lo descolar do meio da praça e ir aterrar, em voo planado, junto ás tabuas da trincheira.

Além disso, os dois conjuges ficarão em absoluta identidade de condições: estarão sempre e igualmente em riscos de ficarem viuvos—um porque vai para o ar, o outro porque vai para o chão.

Descer.. Parece exacto, inequivelmente certo, que, conforme relatam telegramas de Shanghai, o termometro desceu além a 15º graus abaixo de zero.

Nós não conhecemos nada mais parecido com um termometro do que a mulher. A mulher passa muitas vezes uma grande temporada sem descer. Aguenta-se como póde, faz equilibrios malabares, até que um dia começa a descer. E em passando de certa medida para baixo, então a descida é vertiginosa e vai até ás más baixas pressões.

A unica diferença entre a mulher e o termometro é que este, quando passa a baixo de zero, ainda é susceptivel de tornar a subir, e a mulher que entra na classe dos negativos já nunca mais se levanta.

Que trio! Que trio!

RIBAS DE AVELAR



Amarelha

Procurador e collectores...
Processos ás duzias, aos centos, tratados com a maior sollicitude.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50

Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00

Estrangeiro.....	Ano:	34\$00
------------------	------	--------

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Annuncios Isto, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

INTITULA-SE *Premio de Beleza* a revista que o dr. Dias Costa e Erico Braga estão escrevendo para a temporada do Carnaval, no Trindade.

Premio de Beleza!!!
Será o Erico Braga?
Mas que beleza de homem!

■■■

ESTREIA-SE brevemente, no Avenida, o *Pai-Mãe*.

Ora aqui está um papel difícil, que nem todos sabem fazer! Vamos lá vêr como ele vem á luz... da ribalta!

■■■

O dr. Ramada Curto por «fantasia»—mas por que estranha fantasia?—escreveu o *Diabo em casa*. E o diabo fez das suas... Pelo visto não gosta de ser invocado com tanta semcerimonia. A primeira vítima foi o autor, que deve estar agora no inferno, arrependido de ter feito a peça. Não ha duvida: o diabo pregou-lhe uma peça, mas que peça!

■■■

NO *Diabo em casa* ha um tio que se empenha em descasar a so-

brinha para a casar com um amigo.

Comentário dum espectador:
— Aquilo é papel que só uma tia sabe fazer!...

■■■

JÁ desapareceram do cartaz do Gimnasio os *Sempre Notvos*. Foram muito infelizes. Casaram logo!

■■■

A companhia Hortense Luz vai reprisar, no Apolo, o conhecido «vaudeville» *Sopa de Massa*.

Os nossos cosinheiros teatrais não terão outra para apresentar em publico? Já lá dizia um monarca, guloso e valdevinos: «Nem sempre galinha, nem sempre rainha».

■■■

ANUNCIA-SE a dissolução de varias parcerias teatrais e a constituição de outras com varios elementos dispersos.

Para quê, se no fim de contas são sempre os mesmos... mesmo que se disfarcem?...

■■■

A companhia Adelina-Aura

Abranches anda em *Maré de sorte* pela provincia.

Não se assustem os invejosos! Trata-se da peça do repertorio que mais vezes tem sido representada...

■■■

VAMOS ter a *Dama do Sud*, do Reporter X, no teatro do Gimnasio.

Palmira Bastos embarca em comboio de luxo... despedindo-se dos seus artistas.

— Adeus! — diz ela.
— Até á volta! — dizem eles.
Ainda um dia se encontram todos!...

■■■

ENTROU em ensaios, no Maria Vitoria, o vaudeville «Menino Bonito».

Bonito, bonito, só o Carlos Leal, que parece mesmo um anjo quando está zangado com a Beatriz Costa!...

■■■

NO Avenida, o *Boa noite, sr. Borges!* vai ser substituido por um vaudeville.

Este *Borges* sempre nos saiu um bota de elastico! Nunca julgámos que ele fôsse para a cama tão cedo...

DIZEM as criticas que o Chaby Pinheiro fez os *Dois Milhões*... como se tivesse quatro! Não ha duvida, deixou-se deslumbrar pelo dinheiro...

■■■

ANUNCIA-SE, para o Carnaval, uma revista com o titulo *Revista Sonora*.

Sonoras são elas todas. E' cada piada mais sonora que até faz córar os autores...

■■■

A' CERCA da peça do Nacional, dizem que vai por lá o *diabo em casa*...

Paciencia...

■■■

A' ultima hora, somos informados de que a revista do Trindade se chama *Xá bi tudo*.

Claro: Chaby, tudo; o resto é quasi nada...

■■■

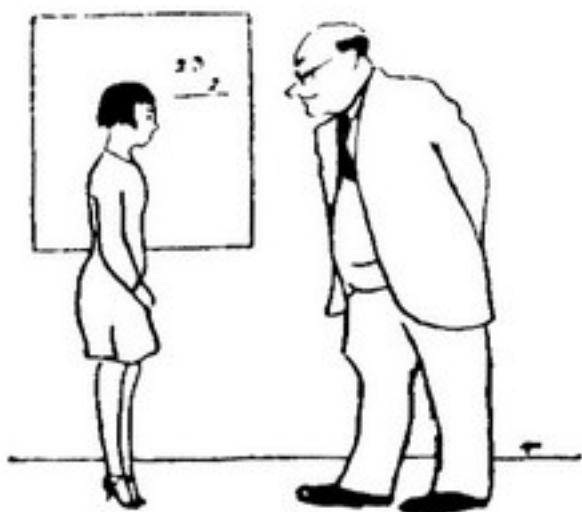
CONSTA que o actor Carlos Leal solicitou da C. P. a organização de um comboio correio para transportar cartas para o *Girasol*.

HOMEM DE TODAS AS HORAS.



Seis das modelos em "Xá bi tudo" de primavera para a proxima revista do Variedades

TAC-TAC-TAC



— A menina não sabe o que é um cetaceo? Então o que é que tem na sua cinta?

— Algodão, sr. professor.

Cachapolete

Historia antiga

Phryné, a grande amorosa,
Não era má rapariga;
E foi, por ser tão formosa,
A cortezá mais famosa
Que existiu na Grecia antiga.

Um dia fez um banzé
A Phryné d'olhos bonitos,
E foi responder Phryné
A um tribunal como é
O dos Pequenos Delitos:

Estava Phryné nesse dia
Num dos seus dias felizes,
E, p'la graça que irradia,
Electriza a galeria,
Membros do juri e juizes:

E, como apenas possua
Por sua defeza unica
A beleza que é tão sua,
Despojando-se da tunica,
A Phryné mostrou-se nua.

Mostrou o corpo rosado
Com impudentes denodos;
E era tão bem desenhado,
Que do juri, entusiasmado,
Levantam-se os membros todos!

Mal essa beleza avistam,
Logo a absolvem, de pé;
Nem sei que no mundo existam
Membros de juri que resistam
A' beleza de Phryné.

JOÃO FERNANDES.

Amor...

Leio no papá *Diario*
que um notavel professor
fez p'r'o ensino primario
um novo método: «Amôr».

Um fabricante de graxa
quere um nome tentado
e não o acha:
chama-lhe «Amôr».

Diversos industriais
chamam «Amôr» a pomada
com que se limpam metais,
e que de «amôr» não tem nada.

Engraxadornas «Amôr»,
«Amôr» a pastelaria,
o café, o esquentador,
a taberna, a drogaria!

Se Cupido imaginasse
o gasto que o Amôr tem,
talvez que nunca saltasse
da porta da sua mãe...

O HOMEM DOS TIMBALES.



O que a senhora precisa é de massagens.
— Está muito bem. Eu vou todas as noites ao cinema.

TELEGRAMA HERMETICO

— «Do hermetismo, já me ocupei eu, muito, nos tempos aureos da minha radiante mocidade, quando os meus cabelos, dum loiro fulvo e ondeado, punham tons fulgurantes de esperança no mate melancolico da minha tez simpatica.

«Mas, hoje,—oh horas longas da experiencia, que nos afastais de tudo quanto não seja a conta da mercearia e o recibo das Reunidas! — hoje, já nada sei eu disso, e ainda bem, não fôsse com a brincadeira parar a Rilhafolles...»

Isto nos dizia Lombricio Neves, em amena palestra comigo — Cyrano Velho — e com o illustre Leopoldino Eugenio, chefe de repartição aposentado e muito bem apresentado cidadão, prestante, conspicio e prudente.

E Lombricio continuava:

— «Dizia Santo Agostinho «O tempora, o mores!», que é como quem diz *Bons tempos, que lá vão!* Eu sou hoje um *Zé-ninguem*; de tudo quanto soube me esqueci! Já o Anastacio Felix, esse decifra todos os enigmas, como se vivesse no tempo dos *Pharaós*.

Sabem vocês que ele é «tu cá, tu lá» com o chefe da repartição dele, o dr. Olivio Soares, que muitas vezes janta a mesma mesa, confiando-lhe segredos de importancia. Ora, agora pelo Ano Bom, recebeu o dr. Olivio Soares muitos telegramas de felicitações, recomendações e aprovações á sua obra intrinseca de chefe de repartição.

Entre eles, porém, recebeu um que o intrigou soberanamente. Dizia assim:

«S. O. S.»
«T. S. F.»

E mais nada. O dr. Olivio Soares, nessa tarde, achegando-se á mesa em que o Anastacio tomava café, murmurou ao sibillino:

— Sr. Anastacio Felix, o seu hermetismo é-me mister.

Anastacio, pressuroso, pôs-se em

pé para cumprimentar o superior venerando e em campo para o servir com suas luzes.

Logo o doutor lhe mostrou o telegrama: «S. O. S.—T. S. F.» Anastacio leu, releu, tossiu e disse:

— Vou estudar.

E desapareceu com o telegrama. Só quinze dias depois é que reapareceu ao doutor Olivio.

— Que tal? — perguntou o homem publico deveras intrigado. — Já decifrou o telegrama, Anastacio?

— Sim e não!

— Bolas! Explique-se! — commandou Olivio.

— Sim! a primeira parte; não! a segunda parte.

— Então qual é a descoberta?

— Isto assim talqualmente: «S. O. S.» quere dizer «Senhor Olivio Soares».

— Bravo! — exclamou o chefe, entusiasmado. — E o resto?...

— O resto, só daqui a três dias — prometeu Anastacio.

— Apre! O tipo levava tempo a decifrar... — comentei eu. — Mas já que você, ó Lombricio, já sabe o resto, não esteja com delongas... — Com maçadas, digo eu! — sentenciou o conspicio Leopoldino Eufemio.

— Ora lá vai! — acedeu Lombricio. — Já tinhamos dito: «S. O. S.» — «Senhor Olivio Soares». Agora, «T. S. F.» Vão vêr: *T., talvez; S., se...*

— Basta de canalhadas com um chefe de repartição! — atalhou, apoplectico, Eufemio.

— Homem, deixe lá o rapaz contar... — aconselhei eu, muito curioso.

— Não deixo, que é indecente! concluiu o futuro conselheiro.

... E eu fiquei sempre sem saber o final da historia!

CIRANO DE VELHOFRAC.



— Que ha de novo?
— Não ha nada.
— Ah! sim? E quantas vitimas houve?

Graça dos outros

No cinema:

Ela: — Tu dizes que isto é uma fita sonora, mas eu não percebo nada!

Ele: — Naturalmente! Não vês que a acção desenvolve-se entre surdos-mudos!...

— Discutimos acaloradamente! Depois, batemo-nos. Mas ele deu-me um murro tão grande que vi as estrelas!...

— Não admira! Da discussão nasce sempre a luz!...

Em casa:

Ela: — Ouviste? Parece que andam ladrões na sala de jantar. Vai lá depressa vêr!

Ele: — Dessa estás tu livre! Já sabes que não sou curioso!...

Na aula:

O professor: — Sabe alguma coisa do ano 1881?

O aluno: — Sei; era capicúa!...

O juiz: — Porque não trabalha, em vez de roubar?

O reu: — Parece-lhe pouco ser o «registorador da propriedade»?

— A minha sogra disse-me que, quando eu morresse, havia de dançar em cima da minha cova!

— E tu o que fizeste?

— Fui ao notario rectificar o testamento e pedir que me enterassem no mar!...

— Como está o Antunes?

— Os medicos já o abandonaram!

— Mas o que tem?

— E' que não paga a nenhum!...

O pai: — Não sabem senão falar de sapatos e vestidos! Ocupem-se dum assunto mais elevado, raparigas!

Uma delas: — Tens razão, papá! Agora vamos falar de chapéus!...

Entre amigos:

— Gostava que conhecesses minha mulher!

— Porquê?

— Já estou cansado de a ouvir dizer que eu sou o maior tolo que ha no planeta!...

— Não sei mais do que isso; sei que a cera é feita pelas abelhas!...



— Não sei mais do que isso; sei que a cera é feita pelas abelhas!...

UM SEGREDO

A DAMA BEM VESTIDA



— Se tivesses muito dinheiro não gostavas de ter um criado?
— Não. Preferia ter uma mulher... a dias.

Elevador da Gloria

— Minha querida mulhersinha: depois de pensar muito no que devia oferecer-te no dia dos teus anos, recordei-me de que gostas do aroma do tabaco Dom...

— E então?
— Decidi comprar uma caixa de charutos para os fumar á tua saúde...

* * *

O dono da garage: — Quanto le-vaste pela reparação?

O mecanico: — Quinhentos mil réis.

O dono da garage: — E o que era?

O mecanico: — Falta de gazolina!

* * *

Dia de anos:

O pai: — Aqui tens, para brincar, um balão, um tambor, uma pistola e uma espingarda...

O miúdo: — Muito obrigado, pai-sinho, mas agora tens que me tirar licença de porte de arma...

* * *

— Mamã, tenho sede!
— Dorme tranquilo, menino!
— Não posso! Queria beber agua!
— Se não te calas, castigo-te severamente!

— Pois, então, castiga-me, mas traz-me um copo de agua...

* * *

No hospital:

O amigo: — Homem! Isto é muito engraçado!

O doente: — Engraçado?!

O amigo: — Agora me recordo que, nesta mesma cama, morreu, a semana passada, o meu primo João...

* * *

A esposa: — Que te parece o chapéu que acabo de comprar?

O marido: — Que era mais bonito na montra...

* * *

Ela: — Não te parece que, para celebrarmos o aniversario do nosso casamento, devemos matar a galinha preta?

Ele: — Mas que culpa tem ela do que nos sucedeu...

* * *

— Ontem passei duas horas pregando a minha mulher economias!

— Com resultado?
— Sim, desde ontem que deixei de fumar...

* * *

— Porque?

— Ora essa! São surdos!...

A ceia de aniversario do L... parecia interminavel. Os pratos sucediam-se, os vinhos não se esgotavam e, infelizmente, os contadores de anedotas, duma resistencia extraordinaria, mantinham-se com a energia e a vivacidade das primeiras horas de libações.

Ao dealbar da manhã, Bartolomeu Sabido, funcionario publico e anedotista incorrigivel, que se mantivera com a fleugma e o silencio quasi impenetravel dum britânico que se embriaga — perdão, que se etiliza — foi incitado por todos os convivas a contribuir para a monotonia da ceia com uma anedota.

Em meio de grande espanto dos presentes, Bartolomeu Sabido accedeu ao convite, começando assim a sua narração:

— O continuo da minha reparação annunciou-me, ha dias, que uma senhora nova, pintada e bem vestida, me esperava nos corredores. Levantei-me da cadeira, entornando, com a precipitação, o tinteiro sobre um retrato do sr. Antonio Cabreira, que vinha num magazine londrês, e fui recebê-la.

A dama era um figurinha insignificante, animada, comtudo, de um fisico gracioso e dum certo poder de insinuação.

— Sei — declarou-me — que me conhece, julgando desnecessaria, portanto, uma terceira pessoa que nos apresente.

Concordei, num gesto amavel, e ia a traduzir em palavras o agrado que me causava a sua ousada decisão, quando ela me interrompeu com certo nervosismo:

— Ha dias que não deviam existir, de tal modo me são insupportaveis. Todas as coisas que se passam e todas as coisas que não se passam me causam, nesses dias, uma impressão intraduzivel de desgosto... uma afflicção inexplicavel.

vel. Receio vir até a contrair uma lesão cardíaca.

Ia a dizer-lhe umas banalidades sobre doenças do coração, quando ela me interrompeu:

— Não calcula a adoração que eu tenho pela literatura. Não leio, devoro. Absorvi já toda a literatura moderna da Espanha, França e Italia. Ando a ler agora uma peça num acto, intitulada «Soror Mariana», da autoria de... do... de... do... Não me lembro já do autor. Caminho, como vê, para uma anemia cerebral...

Quando procurava arrebatá-lhe esse receio que se me afigurava pueril, a sua voz cobriu, rapidamente, a minha:

— Em minha casa costume dar umas ceias bolchevistas. Não vá, porém, julgar que sou bolchevista... Nem tão pouco nas minhas ceias tomam parte bolchevistas. Nem sei porque lhes apliquei uma etiqueta tão vermelha.

O narrador deteve-se um momento admirando o ressonar forte da maioria dos convivas a quem a historia ajudava a adormecer. E acrescentou a seguir:

— Conversou comigo, neste estilo, durante hora e meia.

— E depois? — inquiriram os três ultimos convivas que ainda se mantinham acordados.

— Despediu-se de mim sem declinar sequer o seu nome, afirmando que não voltaria a visitar-me em consequencia dum segredo da sua vida.

— E disse em que consistia esse segredo? — perguntou um deles, bocejando.

— Não. Era segredo — fez o Bartolomeu, impassivel.

Cinco minutos depois os três restantes convivas adormeceram, attitude que o leitor não deixará de achar plausivel...

C. L.



— Então tu não sabias a lição?
— Eu sabia, mas o professor não quiz acreditar.

Um bom réclame

Estava positivamente aflito com falta de dinheiro quando deparei na Republica com o anuncio de uma viuva que o emprestava.

Muito contente, fui immediatamente a casa dela, mas quando lá cheguei deparei com uma bicha enorme. Toda a gente que lá estava felicitava vivamente a Republica pela ideia que tivera de publicar o anuncio.

Chegou a minha vez. O galego pediu-me logo uma coirinha boa para fiador. O homensinho estava muito alegre. Até dava pulos.

Preguntei-lhe de que era proveniente aquela alegria e o homensinho respondeu-me:

— E' por causa do senhor Inês.
— Do senhor Inês ou da senhora Inês?

— Olhe, eu tambem não sei bem como aquilo é arranjado. Ele tem nome de homem e de mulher. Veio cá pedir-me um dinheirinho emprestado e eu pedi-lhe uma coirinha boa. Servi o senhor Inês tão bem que ele até foi lá para o jornal e pôs-me um anuncio de graça. Eu estou-lhe muito reconhecido.

— Mas aquilo é contra você. Ele nem chegou a levar o dinheiro.

— Pois não senhora.
— Olhe que eu não sou Inês.
— Pois não senhora.

— Mau.
— Isto é cá modo meu de falar. Mas tambem, se o senhor Inês cá vier, faço-lhe só o juro de vinte e cinco por cento, em sina, de agradecimento. Havia muita gente que precisava de dinheiro, mas não sabia a quem pedir. Mas assim que leram aquilo no jornal, é a bicha que o senhor está vendo.

— Mas olhe que ele chama-lhe agiota e outros nomes feios...

— Ah! Isso não me importa. O que eu quero é cá a freguesia. Isso é que me interessa. O senhor conhece o senhor Inês?

— Quasi.

— Pois então, quando o vier, diga-lhe que venha cá, que eu tenho muito prazer em lhe agradecer pessoalmente. E já lhe digo: aos outros costume levar trinta por cento, mas a ele levo-lhe só vinte e cinco por cento, mas mesmo assim tem que me trazer uma coirinha boa, porque eu não me fio em cantigas. Mas tambem já lhe digo: um réclame de pagina e de borla, não se paga com dinheiro nenhum. Hei de lhe ficar grato toda a minha vida.



Ele: — Lubi... Lubi.
Ela: — Ingrata. Incessante de chamar porque está tudo acabado entre nós!

... só com 70 anos e com mais de 700 contos...

A vingança de Balbina

D. Faustina Bicuda casara, por amor, com Sebastião Lingueta Espinafre, morgado arruinado, cujos avós ilustres (mais de tresentos!) todos haviam perdido algum membro em serviço do rei.

Sebastião não degenerara e tinha também instintos belicosos como burro, — dizia ele — quanto nas lutas com os rapazes da sua idade e da sua terra, visto que quando nasceu já não havia batalhas nem cruzados, a não ser cruzados novos, saísse sempre com as ventas esmurradas ou o sim senhor feito num bolo.

— Quem val á guerra dá e leva! — dizia depois o Sebastião, pondo agua com vinagre nos galos ou papas de linhaça no sitio onde as costas mudam de nome. Se assim não fóra, meu bis-avô Wenceslau não teria perdido um olho, meu avô Capristano não teria ficado sem uma perna, meu tio Gerundio não perderia ambos os braços, nem meu tio Wolfando teria perdido o...

Nesta altura, Sebastião parava sempre, e nunca se soube bem o que o tio Wolfando deixara nas mãos dos infieis...

Nas mãos, ou lá onde fóra... Entretanto, como apesar do seu genio belicoso o joven Sebastião continuasse a ser bombo de festa, e seu pai, o ilustre morgado de Vale de Espinafres, não estivesse disposto a consumir os seus já miniguados rendimentos em agua e vinagre (nesse tempo não havia agua boricada, nem sublimado, nem mercurio e alcool, nem nada...) resolveu pôr fim ás veledades batalhadoras do seu bulicoso pimpolho. Não fosse o caso que o Sebastião perdesse algum dia coisa de importância, como o tio Wolfando...

O morgado estava velho, rabugento, cheio de reumatismo e de

hipotecas. O tempo mal lhe chegava para cuidar dos joelhos e dos credores. O Sebastião andava, pois, muito á solta, e não ha nada pior para perder coisas... principalmente quando isso já lá vem de traz e ha na familia o exemplo dum tio Wolfando...

— Nada! — resmungou um dia o ilustre habitante do solar de Espinafres. E' preciso pôr-lhe um freio, ou antes, uma albarda... E para albarda não conheço melhor que o casamento... Aguentel-a quarenta anos! Sei bem quanto pesa...

E uma bela manhã, escanhoado, vestido com o redingote dos grandes dias, arrumado a uma bengala feito de um chifre que seu pai, Pantaleão Godofredo Espinafre, da Casa dos Dias Magros, arrancara a um animal monstruoso e raro nas florestas da Guiné, D. Paio Lingueta de Açafrao Cominhos Dias Magros de Sousa Espinafre (era este o nome completo do ilustre autor de Sebastiãozinho), encaminhou os seus passos trôpegos para a casa de seu compadre Hillarião Beldroegas Bicudo, antigo capitão-mór de milicias e nessa epoca armado em sabio, em procura da pedra filosofal, e autor de um pó maravilhoso para matar percevejos e bichinhos parecidos.

Beldroegas era também viuvo (graças a Deus!, dizia ele) e, ao invéz de D. Paio, ficara-lhe uma filha, uma cachopa feia como um sapo e forte como um granadeiro.

Balbina se chamava a donzela. Vivia esta isolada, pois estava prestes a entrar na casa dos trinta e a respeito de pretendentes... nem raça...

Alguns haviam aparecido, mas eram de longe e, apenas chegavam e a viam... era um ar que lhes dava!...

E não voltavam. O Bicudo dava o diabo á carda-

da com isto, tanto mais que era sovina como um judeu e a rapariga comia bem por quatro e bebia por mais...

Por isso também, quando acabava de almoçar ou de jantar, dois ou três homens que topasse pela frente não era coisa que lhe metesse medo... Pelo contrario, eles é que tinham de pedir misericórdia!

Calcule-se, pois, a alegria do homensinho quando o nobre D. Paio lhe manifestou desejos de que os Espinafres da sua ilustre descendencia fizessem esperregado com a não menos nobre familia dos Beldroegas.

Conversaram os dois velhos e asentaram-se as bases do contrato. Chamada Balbina e consultada, pôs luminarias no coração, mas, dissimulada como todas as mulheres, baixou pudicamente as palpebras, ramalhudas como o bigode dum chefe de policia, e pronunciou um sim que supôs mal distinto mas que se ouviu a dez metros de distancia.

D. Paio voltou para o seu solar de Espinafres, chamou o herdeiro do seu nome e pô-lo ao facto do que acabava de fazer.

O Sebastião não manifestou alegria nem tristeza. Disse que sim como poderia ter dito que não, e d'aí a um mês, a menina Beldroegas Bicudo entrava na camara nupcial e dormia no mesmo leito, alto como um primeiro andar, onde algumas gerações de Espinafres se tinham amado e... sucedido.

Sebastião achou novidade naquilo e a principio chegou mesmo a sentir-se feliz. Balbina era um manancial de ternura. Cada vez comia mais. Até se fez mais bonita. Para ser agradável ao marido, fazia todos os dias a barba, ás escondidas.

Tinha, porém, um defeito. Era

zelosa como uma pantera; e como tinha musculos de aço e bons pulmões, o Sebastião andava-lhe ao geito, em todo o sentido...

O diabo, porém, tece-as. Para se dar ares e aumentar o conforto em que viviam, Balbina quiz ter creadas chics. E veio para casa uma francesinha gentil, loura como um bebé e apetitosa como um morango fresco. Era a aia da senhora.

E vai d'aí... Um dia, Balbina, que saíra, sem dar cavaco, como era seu costume, regressou de repente e zás!... Apanhou Sebastião com a bóca na botija!... Não era bem na botija mas emfim...

Ouviu-se um urro como o de um boi espavorido. E o resto da scena passou-se por entre uma saraivada de sócos, pontapés e bofetadas...

A francesinha foi para o olho da rua e o Sebastião...

Balbina fechou-se com ele num quarto, e os creados ouviram que lá se passava alguma coisa de extraordinario... Ruido, gritos de uma pessoa aflita, mas ninguém se atreveu a intervir... Não, que eles bem sabiam quem ele era...

Dias depois recolhia Balbina á casa paterna e requeria a separação. Cada vez que lhe perguntavam se não tinha saudades do Sebastião, desenhava-se nos labios um sorriso misterioso e não respondia...

Sebastião começou de andar triste e taciturno, escondendo-se de todas as vistas...

D. Paio, interrogado por pessoa muito intima, apenas disse:

— Tinha de ser!... Como o tio Wolfando!... Mas não foi nas mãos dos infieis!...

E nunca mais se soube nada.

MATOS ALEM.

Bom ponto

De quando em vez, aparecem dentro dos jornais individuos que, julgando-se com vocação para as difficilmas lutas da imprensa, fogem dos misteres para que na realidade nasceram.

Desses, poucos ficam porque, se eles proprios se não convencem da sua falta de intelligencia e vocação, os colegas fazem o favor de lhes levar esse convencimento. Então, abandonam os jornais...

Entre esse, tais que foram forçados a deixar o jornalismo, contava-se o... Não vale a pena dizer o nome. Tratemo-lo apenas pelo X.

O X. era um ignorante. Se da lingua portuguesa pouco entendia, da franceza não vale a pena falar.

Era chefe da redacção do *Seculo* creio que Pinto Quartim, que está agora em Africa.

Ao X. fóra mareado o serviço dos comboios. Ver as chegadas e as partidas.

A noite, chegando á redacção, perguntou-lhe o Quartim:

— Então que ha?...

— Chegou no Sud o conde de Burnay — respondeu o X., pronunciando *Burnái*.

— Não é *Burnái*, homem. E' *Burné*. O ai, em francès, vale é.

Dias volvidos, continuando o X. no serviço dos comboios, appareceu no *Seculo* todo contente. Tinha uma «caixa».

— Então quem chegou?

— No rapido de Madrid chegou esta tarde o ministro do Urugué

— tornou o X....

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

ALFREDO MORAIS



DO «Faustino» ao «Coo d'er» passando pelo «Monumental». Alfredo Morais tem comegado a fazer um curso de culinária. Hoje o Ideal de todos os «gourmets», amadores de bons petiscos...

Bom gosto

Conversava-se num grupo de amigos sobre o manifesto mau gosto que as mulheres demonstram em bastantes actos da sua vida.

O Silva, que pesa 102 quilos e se julga um modelo de elegancia, citara o mau gosto duma pequena que casara com um preto. O Lopes, que é côxo, apontara a insensatez da Belmira, que casara com um maneta. E o Sousa, que é estrábico de nascença e alarve de profissião, censurava, sem lapis azul mas asperamente, o exemplo da Gabriela, que despresara os seus galanteios para casar com um mulato.

Apontaram-se imensos exemplos e por todos se concluiu que, a seguir ao homem que lhe deu para gostar da mulher, é esta o animal dotado de pior gosto, muito principalmente na escolha dos homens.

Estava a conversa a terminar, quando chegou o Evaristo, que, curioso como todos os Evaristos, tratou de interrogar os presentes sobre o motivo da discussão.

— Diziamos nós — explicou o Lopes pacientemente — que as mulheres não teem muito gosto. E tu que te parece?

O Evaristo olhou-os espantadissimo e respondeu muito convencido:

— Sei lá o gosto que elas têm! Como querem vocês a minha opinião se sabem perfeitamente que não sou antropofago?!...

A. N.

Inglezes em Lisboa

All-Right! Os ingleses, mau grado a vontade das donas de casa, já entraram a barra, passeando, fleumática e aprumadamente, pelas ruas de Lisboa.

As mulheres — algumas deias, é claro — é que se sentem deveras incomodadas com eles — os marujos!

Se o peixe, a carne, os ovos, os galináceos, os coelhos e o chouriço, já estavam pela hora da morte, agora tais generos alimentícios ascenderam à culminância da glória! Os preços andam a mil metros de altura — e d'ali o incomodo, com os ingleses, das respeitáveis senhoras donas de casa.

E têm razão.
Por uma libra relinchadora de cavallinho — salvo seja! — os filhos da velha Albion compram comida que chega para um regimento, com banda, termo de corneteiros e estandarte, devido à baixa do cambio.

Saiu a sorte grande das vendedeiras — Praça da Figueira e do Mercado de São João.

Quem está contente, também, com a vida dos ingleses, são as senhoras do *Quatro Alto City* e os ourives. O que é fazer negócio de ouro e prata!

Um marujo a bordo do "Centáuro"

O reporter do *Sempre Fixe* não podia ficar quieto, entre o calor-sinho dos lençóis, ante o facto consurcado da chegada dos ingleses ao Tejo.

Estava destinada, pois, uma visita ao *Centáuro*, uma das grandes bizarras de guerra britânicas.

No deck deparamos com varios canhões de alto calibre, não contando com as visitantes, que até nos fizeram enregelar a espinha... e mais apetrechos mortíferos disseminados por todos os cantos do cruzador.

É um galante e bem coradinho sargento quem faz, gentilmente, de cicero.

As duas por três, sem que o jornalista tivesse disparado qualquer pergunta, o joven marinheiro, num português espanholado, disse-nos:

— Oh! boa, boa ser a vossa *Sola* — queria referir-se ao *Astro-Rel*.
— Linda, mesmo linda. Fazer aquecer muita a cabecinha do marujo.

— Sim?
— *All-Right! Yess!* Fazer escaldar sangue nas veias.

— Pedir *sleep*, não é assim?
— *Good, very good*, com menino.

— Meni o?
— *Yess!* Menino *miss* ou *miss-tress*. *Sola* aquecer muito, muito.

E, nesta altura, por causa do frio, tivemos que deixar o cicero em paz, porque mais parecia uma fera cheia de cio e fome do que um pacífico marinheiro do *Centáuro*.

WINHO.

Professora francesa

Dá lições na sua casa às meninas e senhoras e meninos até 15 anos.
Resposta a esta administração às letras T. C.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

BARBEIR-SE COM LAMINAS

As de mala fina tempora

DESPORTOS

Mais premios, mais generos de multiplas utilidades vem sobrecarregar os pés da mesa do nosso trabalho.

Olhai, leitores amigos, lêde e pasmai:

— A fotografia animada e cem por cento mexida do *team* do *Meteor* de Praga, ou por outra, da Praga do *Meteor*, que graças a Deus e à A. F. L. não praguejou em Lisboa.

— A historia da assembléa geral do *Bemfica* e as razões que levaram trinta indivíduos a não quererem coisa nenhuma.

«Quem quer ver, quem não quer não aparece» é o titulo do primeiro fascículo de tão interessante historia da autoria do brilhante escritor Manoel Afonso.

— A monografia de Viseu, trabalho a pastel do grande pintor Ivo Torres de Sousa.

— Uma «Pinga» de trus, oferta do Foot-ball Club do Porto ao Marítimo em troca do «Pinga» que veio até ao continente espontaneamente, livremente, sem qualquer inconveniente.

— «Porque me orguiho de ser belenense», uma boa piada do sr. Albino Alberto Forjaz de Freitas-Sampaio.

— Um tratamento gratis de qualquer olho avariado, generosa doação do sr. dr. Urgel Hortá.

— A fotografia a cores do diploma de socio fundador do *Bemfica* passado em nome do sr. Vergilio da Fonseca (só faltava esta).

ZE MARIA



— Desconfio que já me não amas, Alberto...
— Forquê?
— Há já duas semanas que me não pedes dinheiro.

Augusto Ferreira Gomes



... sempre, pois sempre vem — tão fresco e tão esperançoso como da primeira.

Prosa de Cha-Velho

Nunca é tarde para agradecer certas atenções e, ainda que o fosse, antes tarde que nunca.

É o caso que, além do professor Luciano Moreira, outros dos nossos artistas tauromaquicos tiveram a amabilidade de nos dirigir os classicos cumprimentos de fim e começo de ano, e mal ficariamos com a nossa consciencia se lhes não agradecessemos também a eles, como já agradecemos ao referido professor.

Como Luciano Moreira, também Luciano Moreira Junior nos escreveu, com muita simpatia, e agradecendo referencias que por nós foram feitas com muita justiça, porque o modesto e estudioso toureiro merece as melhores referencias e o melhor auxilio.

Agostinho Coelho, o valente Agostinho, teve igualmente a valentia de nos «desear» um ano novo cheio de prosperidades, que é frase classica e consagrada. E como Agostinho, Jorge Cadete, o veterano Cadete que nesta época vai finalmente merecer de mestre Segurado uma rendosa festa de homenagem que todos os seus amigos promoverão.

Plá Flores «bateu» este ano vistosa cartolina (luzes). Ilustrada com o retrato — proprio, com calendario e quadro de corridas toureadas, tal como os grandes «espadas» seus patricios.

O cavaleiro Ricardo Teixeira publicou igualmente o seu quadro de corridas — 23 e 2 em Ezoanhu — com retrato seu, do cavalo e do «apacado», o sr. Cario Costa.

E, além doutros, também nos enviou o seu cartão o «cafeinado» José Cunha, socio da firma Freitas Brito, Limitada, a popular casa dos cartazes tauromaquicos da Rua do Ferregial.

E, finalmente, o simpatico Antonio Tavares, joven e inteligente successor dos desaparecidos veteranos «Primo» e «Badajoz» e o unico «meço de espadas» que em toda a Peninsula presta seus serviços com oculos a Harold.

* * *

Ao sr. Abel Ferreira da Silva, que nos escreveu e pediu resposta no proprio *Fixe*, respondemos muito gostosamente que pode mandar mais «coisas» e, muito desgostosamente, que nos não foi dado publicar a que nos enviara.

PÉREZ LA CHAISE.

Quereis dinheiro ?

Jogai no

Lana

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O proximo numero do

KINO

o próximo número

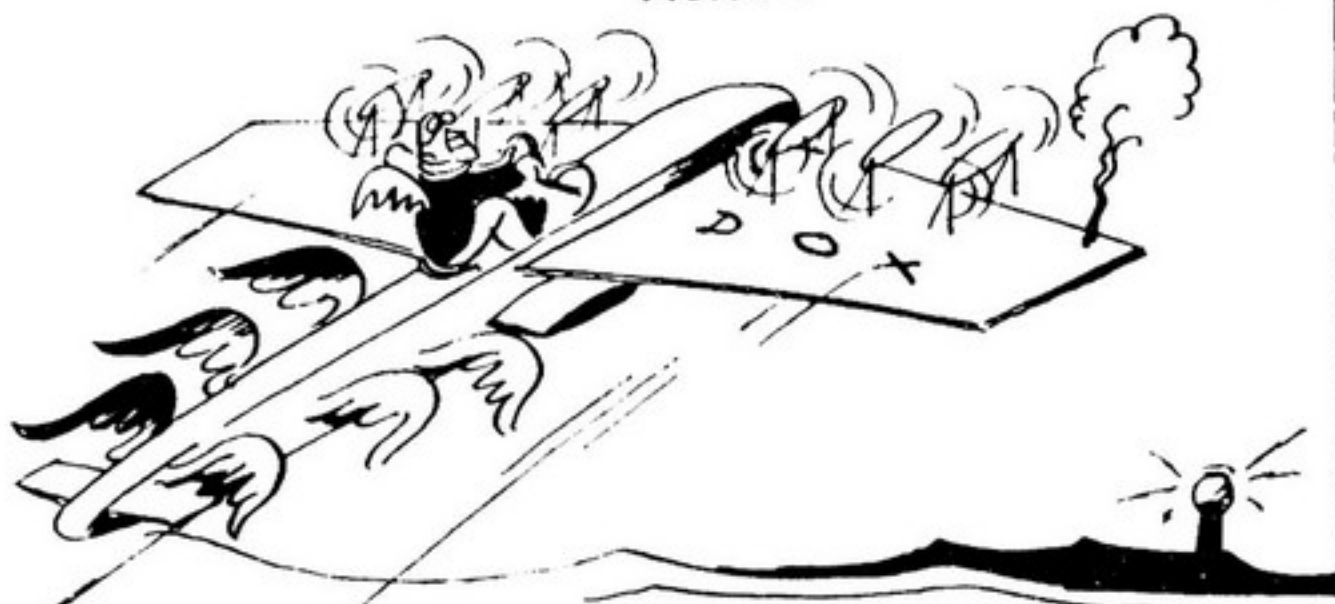
COM 12 PAGINAS

ECOS DA SEMANA

SO COM ESTOMAGO SOBRECELENTE SE DIGERE TANTO BANQUETE E SO COM UM OUTRO GENERO DE ESTOMAGO SE AGUENTA TANTO CLARETE



AGORA, JA' QUE O NOSSO GAGO COUTINHO VAI, PREFERIA QUE O "DORNIER" TIVESSE TAMBEM 12 ASAS -

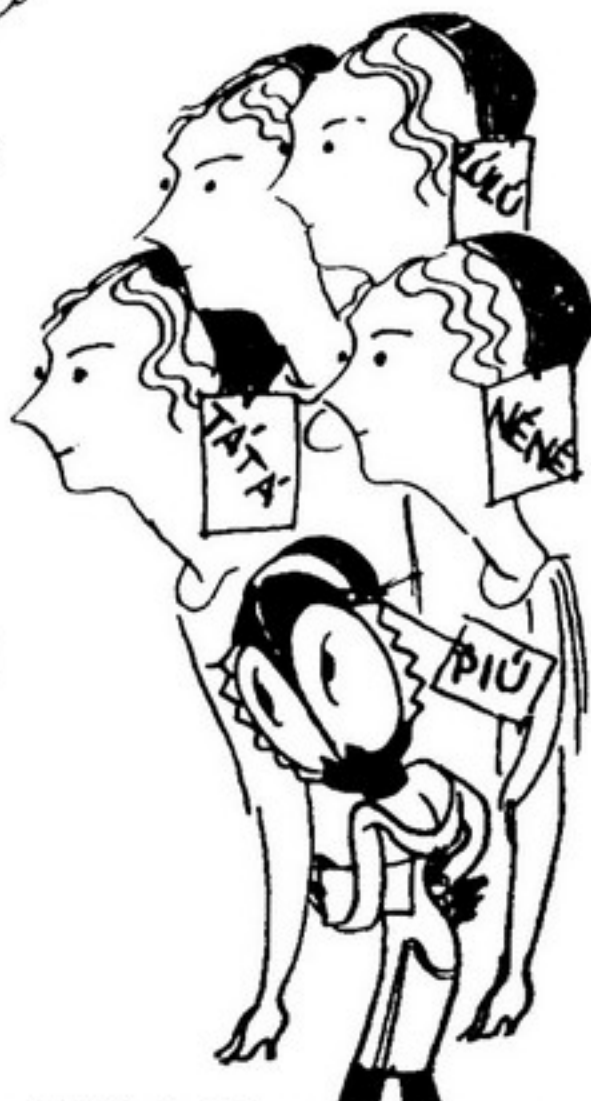


DEPOIS DA MILAGROSA SANTA IZABEL, SO MUSSOLINI PODIA TRANSFORMAR AVIOES EM CAFE - POR SUA VEZ ESTE CAFE SERA REDUZIDO A NERVOSO... PARA DISTRIBUIR PELOS CAMISAG... E SE SE DER ALGUM SI.. FOI NERVOSO



PASSOU MESMO RENTINHO A SERRA DA *strela* UM AEROLITO QUE NAO SE NAO O BALAZIO DE REDORTA QUE JA' VEM DE VOLTA

FRIEDMANN NUMA DAS FRASES DA BALADA QUE ABALOU PROFUNDAMENTE AS VARIAS CHOPINEFILAS



QUEM GANHA O RALLYE SEM SE RALLYAR E A DONA NORONHA NO SEU "CAROCHA"

COMO A MODA ACTUAL AS TODAS TODAS COM A MESMA CARA DE TROUXA, AFIM DE SE PODEREM SUSTENTAR, VAI SER OBLIGATORIO O USO DE UM CARTAO...

